

Entre correntes e laços: a tragicidade da escravidão feminina em “A ama” (1884), de Délia e “A escrava” (1887), de Maria Firmina dos Reis

Between chains and ties: the tragicity of female slavery in “A ama” (1884), by Délia and “A escrava” (1887), by Maria Firmina dos Reis

Joyce Pereira Vieira

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

joyce.p.v1@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2024-8260>

RESUMO

A escravidão no Brasil ganhou contornos de uma verdadeira tragédia brasileira de grandes proporções, haja vista o cotidiano de opressões a que eram submetidos os escravizados. O presente estudo objetiva demonstrar, por meio de uma análise comparativa dos contos “A ama” e “A escrava”, como a escravidão feminina é retratada como trágica pelas lentes de Délia (1853-1895) e Maria Firmina dos Reis (1825-1917). A análise visa destacar a trajetória das protagonistas, a fim de entrelaçar temas como escravidão, opressão, relações humanas e tragicidade, de modo a evidenciar como esses elementos moldaram a vida e o destino dessas personagens escravizadas. Para as mulheres, a escravidão foi sentida de muitas formas que diferem da experiência masculina — portanto, faz-se necessário destacar o *lôcus* dessas escravizadas entre correntes e laços.

Palavras-chave: Délia; escravidão; feminino; Maria Firmina dos Reis; trágico.

ABSTRACT

Slavery in Brazil represents a profound national tragedy, marked by the daily oppression to which the enslaved population was subjected. This study seeks to demonstrate, through a comparative analysis of the short stories “A ama” and “A escrava”, how female slavery is portrayed as tragic through the lenses of Délia (1853-1895) and Maria Firmina dos Reis (1825-1917). The analysis aims to highlight the trajectory of the protagonists to intertwine themes of slavery, oppression, human relationships, and the tragic dimension, thereby demonstrating how these elements shaped the lives and destinies of these enslaved women. For women, slavery was felt in many ways that differed from the male experience, so it is necessary to emphasize the unique position of these enslaved women caught between chains and bonds.

Keywords: Délia; feminine; Maria Firmina dos Reis; slavery; tragic.

INTRODUÇÃO

A escravidão no Brasil, que durou mais de três séculos, constituiu uma verdadeira tragédia nacional cujas repercussões sociais e culturais ainda são sentidas. Durante esse período, milhões de africanos foram forçosamente trazidos para o país e submetidos a condições desumanas, fato que moldou profundamente a estrutura econômica e social brasileira, conforme demonstrou Alencastro (2000). Esse sistema opressor foi caracterizado por uma violência permanente e institucionalizada que permeava todos os aspectos da vida dos escravizados, resultando em um cotidiano de sofrimento e resistência (Pinsky, 1994). A magnitude desse fenômeno torna a escravidão um dos capítulos mais lúgubres da história brasileira.

Dentro dessa realidade, as mulheres escravizadas enfrentaram desafios e opressões específicas que se sobrepunham à já brutal experiência masculina. Para além do trabalho forçado nas plantações e nas casas dos senhores, essas mulheres eram constantemente sujeitas à violência sexual, à exploração reprodutiva e à imposição de papéis sociais que as reduziam a meros instrumentos de reprodução e serviço, a exemplo do trabalho desempenhado como ama de leite (hooks, 2019). Nesse sentido, Giacomini (1988, p. 65-66) afirma que: “A possibilidade da utilização dos escravos como objeto sexual só se concretiza para a escrava porque recaem sobre ela, enquanto mulher, as determinações patriarcais da sociedade, que determinam e legitimam a dominação do homem sobre a mulher”. A escravidão feminina, portanto, precisa ser entendida em sua complexidade, levando em conta as múltiplas formas de violência e opressão que moldaram a vida dessas mulheres.

Nesse contexto, a literatura do século XIX surge como um importante veículo de denúncia das injustiças sociais, incluindo a escravidão. Candido (2006, p. 14), em *Literatura e sociedade*, defendeu que o vínculo entre a obra literária e o ambiente deve ser sempre considerado: “[...] o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se assim, *interno*”. Ou seja, a relação entre a literatura e o social são indissociáveis e se interpenetram. Ainda segundo Candido (2006, p. 140), é relevante

observarmos “[...] o papel importantíssimo do romance oitocentista como exploração e revelação do Brasil aos brasileiros”. Ampliamos aqui a ideia de romance a fim de abranger a prosa como um todo, de modo que a partir dela as pessoas poderiam, de certa forma, compreender o país, segundo expôs Candido (2006).

Autoras como Délia (1853-1895) e Maria Firmina dos Reis (1825-1917) desempenharam um papel crucial ao trazer para o centro de suas narrativas a experiência das mulheres escravizadas. Em um tempo em que a voz feminina era muitas vezes silenciada, essas escritoras utilizaram a literatura como uma forma de resistência, expondo as tragédias enfrentadas por suas protagonistas e desafiando as convenções sociais da época. Suas obras são, hoje, fundamentais para a compreensão da escravidão sob uma perspectiva de gênero.

Os contos “A ama” (1884) e “A escrava” (1887) são exemplos marcantes de como Délia e Maria Firmina dos Reis retrataram a escravidão feminina como trágica em múltiplos níveis. Por meio das trajetórias de suas protagonistas, ambas as autoras exploraram as dolorosas realidades vividas por mulheres escravizadas, revelando como o sistema escravista as condenava a uma existência marcada pela dor, pela perda e pela desumanização. A tragicidade presente nessas narrativas não só reflete a brutalidade do sistema escravista, mas também serve como uma poderosa crítica social.

Por fim, a análise dessas obras no presente estudo é de suma importância, pois permite um resgate das vozes silenciadas dessas autoras e suas personagens, proporcionando uma compreensão mais profunda das intersecções entre gênero, raça, classe e opressão na escravidão brasileira. O estudo das narrativas de Délia e Maria Firmina dos Reis oferece uma valiosa contribuição para a memória e a história da escravidão, ressaltando a necessidade de uma leitura crítica que valorize a resistência das mulheres escravizadas.

A IDEIA DO TRÁGICO MODERNO, A POÉTICA DA TRAGÉDIA ANTIGA E SUAS RELAÇÕES COM OS CONTOS

No intuito de demonstrar que a escravidão feminina retratada na literatura de Délia e Maria Firmina dos Reis apresenta-se como trágica, partimos dos estudos de Terry Eagleton (2013), que postulou que o trágico sobreviveu imiscuído, sobretudo em contos, até a era moderna. O trágico se acomodou bem em países periféricos, e, neste caso,

chamamos a atenção para o Brasil colonial e imperial, já que, longe do epicentro do capitalismo europeu, as protagonistas dos contos em questão não estariam no seio da burguesia urbana de grandes nações, conforme explicou Eagleton (2013).

Na perspectiva do crítico inglês, a arte trágica apresenta uma conjuntura histórica, além de possuir aspectos do sofrimento tipicamente humano encontrado em todas as tragédias. Dessa forma, o sofrimento é a pedra de toque essencial na sobrevida do trágico moderno. O trágico, para Eagleton (2013), é algo traumático e angustiante, uma palavra forte como sórdido ou escória. Para ele, a tragédia sempre se ocupou de questões dolorosas, de grandes iniquidades, e precisou envolver uma resistência ao destino. Assim, ele redefine a tragédia a partir do que chamou “a ideia do trágico”, a qual tomamos como ponto de partida para nossa análise da tragicidade presente nos contos das autoras supramencionadas.

Consideramos o trágico como atemporal justamente por tratar de questões envolvendo as contradições e as tensões humanas, em conformidade com a visão de Gazolla (2001) sobre o tema. A partir da prosa literária e trágica de Firmina e Délia, podemos perceber a capacidade que elas têm de nos transformar, de despertar uma certa consciência. A ideia do trágico e a ideia de tragicidade advêm das tragédias; logo, não podemos deixar de destacar também os estudos estruturalistas desse gênero proveniente da Antiguidade, como os de Aristóteles em sua *Poética*, os quais também serão considerados na análise dos contos.

A tragédia, segundo Aristóteles, é composta por alguns elementos essenciais. Primeiramente, as personagens são possuidoras de qualidades relacionadas ao pensamento e ao caráter, e as protagonistas dos contos em análise são construídas pautadas em valores morais, são humanizadas. O enredo é a junção dos fatos e é considerado a parte mais importante da tragédia, uma vez que “[...] a tragédia é a mimese não de homens, mas das ações e da vida” (Aristóteles, 2017, p. 81). Diante disso, categorizamos a trajetória das Joanas de Firmina e de Délia como trágicas.

A finalidade da tragédia é constituída pelos fatos (ações) e pelo enredo (*mythos*). Dentro do desenvolvimento da trama, ocorre uma reviravolta (*peripeteia*), uma mudança no curso das ações. Veremos adiante que ambas as protagonistas dos contos em estudo alternam-se da aceitação das condições a elas impostas à drástica recusa de viver em tais condições, seja por meio de fugas constantes, como no caso da Joana firminiana, seja por meio do suicídio, no caso da Joana de Délia.

A tragédia também aborda a comoção, o sofrimento progressivo (*páthos*) imposto pelo destino (*anánke*), que é inexorável. Dessa forma, também ambas as Joanas sofrem intensamente devido a um destino social implacável: a escravidão. Um efeito importante é a catarse (*kátharsis*), uma espécie de descarga emocional provocada nos espectadores por meio do pavor (*phóbos*) e da compaixão (*éleos*). Aristóteles (2017, p. 113) explica que a compaixão “[...] diz respeito ao que vive a adversidade sem a merecer [...]”, enquanto o pavor está relacionado à “[...] adversidade que afeta um semelhante [...]”.

O efeito catártico é purificador. Essa é uma das finalidades pretendidas pela tragédia. As autoras constroem, nesse contexto, personagens femininas escravizadas que vivem uma série de adversidades imerecidas, uma vez que foram capturadas contra a vontade e submetidas a degradantes provações dentro do regime escravista brasileiro, de modo que suas histórias emocionam o leitor oitocentista mais sensível e explicitam um pouco do terror escravocrata. O conflito (*ágon*), por sua vez, manifesta-se no embate contra aqueles que tentam manter a ordem estabelecida, o que fica explícito no conto a partir do embate entre senhores e escravizados. O coro atua como um personagem coletivo, anônimo e não mascarado, formado por cidadãos que representam a voz da comunidade cívica, e a voz das autoras simboliza o grito de todos aqueles que almejavam uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, o herói trágico é um personagem de condição elevada que não representa um modelo a ser seguido. Ele apresenta ações problemáticas que precisam de solução e suportam seu destino com dignidade. A tarefa dele é induzir o espectador a um processo reflexivo, conhecido como consciência trágica. Segundo Eagleton (2013, p. 142), na modernidade, “[...] qualquer um pode ser uma figura trágica”, os heróis trágicos “[...] podem agora ser encontrados flinando em qualquer esquina, pois o destino de cada indivíduo torna-se, em princípio, tão precioso quanto o de todos os outros”. Além disso, ao afirmar que a tragédia foi democratizada e se multiplicou para além da imaginação dos antigos, ele diz que “[...] talvez seja necessário pegar esses homens e essas mulheres e empurrá-los ao extremo limite de sua capacidade de resistência”. Nesse sentido, “[...] sob a democracia, os protagonistas trágicos não precisam ser heróis para serem trágicos. A única qualificação para ser um protagonista trágico é que seja membro da espécie” (Eagleton, 2013, p. 143).

Tanto Firmina quanto Délia constroem suas protagonistas trágicas moralmente valorizadas e humanizadas a fim de enquadrá-las como membros da espécie em uma

atitude de igualdade que era revolucionária para a época em que escreviam. Na visão do crítico inglês, as leis sociais são tão inexoráveis quanto as leis do destino trágico clássico. Ademais, Eagleton (2013) reconhece que a teoria do trágico e a arte do trágico são dissonantes, de forma que não busca, em sua obra, um conceito universal; pelo contrário, fornece variados posicionamentos acerca das filosofias do trágico e dialoga com eles. Neste estudo, portanto, buscamos demonstrar que a escravidão brasileira — especialmente a feminina — pode ser lida como trágica, como uma forma de sobrevivência ao modo da arte trágica antiga.

A TRAGICIDADE DA ESCRAVIDÃO FEMININA EM “A AMA” (1884), DE DÉLIA E “A ESCRAVA” (1887), DE MARIA FIRMINA DOS REIS

A escravidão de mulheres foi alvo da escrita tanto de Délia quanto de Firmina. Ambas as autoras são consideradas como escritoras que se engajaram nas causas abolicionistas de fins do século XIX no Brasil. Délia — “dona de prosa instigante, estilo terso, linguagem burilada que mistura realismo, naturalismo, sonho e visões” (Telles, [19--?])b) — foi reconhecida em seu tempo, porém caiu no esquecimento após sua morte. Telles aponta que, “Abolicionista, para Délia a escravidão era uma página negra que não estava encerrada” (Telles, 2004, p. 364), e que “Questões de gênero e de raça e de classe permeiam os escritos [da autora]” (Telles, [19--?])b). Além disso, a autora destaca que a escolha do pseudônimo Délia, feita pela escritora gaúcha Maria Benedita Câmara Bormann, “[...] desvenda uma opção de vida e um programa artístico” (Telles, [19--?])a).

Com relação a Maria Firmina — “[...] considerada por seus pares como um exemplo de sabedoria e erudição” (Zin, 2022, p. 43) —, também constatamos algo semelhante acerca do seu reconhecimento público. Em outras palavras, ela é bem recebida em sua época, mas posteriormente suas obras entram em uma longa fase de desmemória, conforme declarou Rafael Zin:

[...] mesmo tendo ocupado um lugar proeminente no cenário cultural maranhense oitocentista, tomando com as mãos a aspiração de, através do magistério e da criação literária, contribuir para a construção de um país mais justo e sem opressão, a escritora ficou por décadas esquecida, muito provavelmente, por conta de um possível silenciamento ideológico vindo das elites condutoras da vida política e intelectual brasileiras (Zin, 2022, p. 43).

No que tange à obra de Délia, ela é caracterizada por Volpini (2019) como importante por oferecer ao leitor um panorama do universo feminino sob o olhar da experiência feminina ao dar voz às variadas mulheres retratadas pela autora. Suas personagens femininas são representadas, ainda segundo Volpini (2019), em diversas nuances ao que ele denomina como personagens ora de tradição, ora de ruptura. Nesse sentido, consideramos Joana — protagonista do conto “A ama” (1884) — como ocupante de um entre-lugar, já que, como escravizada, ela se encaixa em um lugar de tradição destinado às mulheres nessa condição, ao passo que, como mulher e mãe, humanizada pela autora, passa a ocupar um lugar de ruptura com a ordem escravocrata vigente. Para ele, o projeto literário de Délia “[...] está centrado nas experiências femininas e nas reflexões que elas suscitaram acerca de sua atuação na sociedade brasileira da época” (Volpini, 2019, p. 11).

Destacamos que a maternidade é apontada como uma das grandes temáticas abordadas pela autora em sua breve e intensa carreira literária, que durou aproximadamente quinze anos, de acordo com Volpini (2019). Já a obra de Firmina é reconhecida por sua diversidade de publicações, que incluem romances, contos, novelas, poemas, enigmas, charadas, composições musicais e um Álbum, conforme mostra o biógrafo Morais Filho (1975). Destacamos, na abordagem da autora frente aos escravizados, que “As escravas da escritora maranhense carregam a literatura oitocentista de uma historicidade que soa subversiva frente aos estereótipos do bom senhor e do escravo contente” (Duarte, [20--?]). Ademais, Eduardo Duarte (2018a, p. 229) afirma que a autora “[...] irmana-se a seus contemporâneos e contemporâneas do hemisfério norte, mas também da América Latina e do próprio Brasil, para inscrever sua discordância frente à razão negra ocidental. E assim, o poder patriarcal é encenado na/pela perspectiva de suas vítimas”. O pesquisador ainda declara que, em termos de verismo construtivo, o conto “A escrava” é possuidor de uma força narrativa comparável aos escritos de Lima Barreto e aos contos machadianos “Pai contra mãe”, “O caso da vara” e “Mariana” (Duarte, 2018a).

Délia retratou a saga da escravizada Joana, empregada como ama de leite na cidade do Rio de Janeiro em seu conto “A ama”, publicado na Gazeta da tarde em 30 de janeiro de 1884, enquanto Firmina retratou o suplício e a loucura de uma mãe negra escravizada, também chamada Joana, em seu conto “A escrava”, originalmente publicado no terceiro número da Revista Maranhense em novembro de 1887. As semelhanças entre

as histórias apenas principiam nos nomes das protagonistas, pois ambas as trajetórias de vida se evidenciam trágicas, nos termos de Eagleton (2013), e retratam a tragicidade intrínseca à escravidão. Segundo Eagleton (2013, p. 256), “[...] a tragédia está mais à vontade no conto [...] sendo uma forma menos bem acolchoada, da qual como vemos em Chekhov e Kipling, a narrativa pode ser mais facilmente reduzida a um único momento de ruptura ou revelação”.

A protagonista de Délia é assim descrita: “Joana era uma crioula retinta, sadia, que trabalhava de enxada em uma fazenda próxima da Corte” (Bormann, 2021, p. 16). Ressalte-se a caracterização de sadia, condição necessária e exposta em vários anúncios da época para que uma negra pudesse exercer a função de ama de leite de crianças brancas da Corte. Joana trabalhava “de enxada” em uma fazenda de café, e pelo fato de encontrar-se no puerpério foi escolhida pelo seu dono para ser ama de leite do filho de um amigo dele. A autora denuncia as condições opressivas a que eram submetidas as escravizadas: “Durante nove meses trabalhou conscienciosamente, sem vergar à fadiga desse estado mórbido e incomodativo” (Bormann, 2021, p. 16), sendo que as “[...] dificuldades encontradas pelas mães começavam na gravidez com a pesada rotina de trabalho e se estendiam além do parto” (Muaze, 2018, p. 374). Délia ainda ironiza a trágica condição de Joana fazendo menção ao pensamento comum do período: “É tão singelo e tão profundo o sentir desses pobres seres rudes, votados ao trabalho e à dor!” (Bormann, 2021, p. 16).

Joana dá à luz na senzala a um “robusto negrinho” e abraça-o. Após apenas um mês, ela é escolhida para ser ama de leite, tendo que se separar de seu filho. Joana “[...] obedeceu sem murmurar, fula, com o peito dilacerado pelo desespero e pela saudade” (Bormann, 2021, p. 16). Perceba-se que Joana obedeceu, mas “fula”, furiosa por ter que abandonar seu bebê recém-nascido na fazenda para dar seu leite para outra criança. Na despedida de seu filho, a escrava “[...] deu-lhe o peito em feroz ansiedade, desejando que ele sugasse todo o leite e nada ficasse para o filho dos brancos” (Bormann, 2021, p. 16). Délia, com sua escrita refinada e elegante, conseguia ser ao mesmo tempo chocante e crítica, pois tornar-se ama de leite “[...] implicava ‘silenciar sua maternidade’, abrindo mão do aleitamento de seu próprio filho para cuidar do de outra mulher” (Muaze, 2018, p. 362). A escravizada sai da fazenda rumo à cidade “entorpecida pela dor” e deixando “[...] tudo quanto havia amado” (Bormann, 2021, p. 16), ou seja, ela é obrigada a abandonar seu filho, dar seu leite para uma criança branca e ainda precisava fingir estar

bem-disposta a isso, já que havia vários requisitos necessários para exercer a função de ama de leite na sociedade escravocrata, conforme explica Muaze:

As características mais valorizadas entre as amas de leite no mercado de escravos do Rio de Janeiro eram: a idade (ter entre 15 e 30 anos, preferencialmente), a saúde, ser de primeiro parto, a boa quantidade e qualidade do leite, ter bom comportamento (ser recatada, ser uma escrava de “portas adentro”, que não frequentava a rua, lugar de maus hábitos), bom gênio e temperamento (ser calma, afetuosa, pacífica, paciente, gostar de criança eram as qualidades mais frequentes). Além disso, era recomendado regular a dieta, a ingestão de líquidos espirituosos e vida sexual para garantir a qualidade do leite ingerido: “o de cor branca e igual, sem sombras amareladas, de sabor doce, e de alguma consistência” era o recomendado (Muaze, 2018, p. 370).

A violência contra a mulher negra escravizada vai se delineando no conto, portanto, nos meandros mais íntimos da natureza humana: a maternidade. A pesquisadora e ativista feminista bell hooks (2019, p. 26) confidencia: “[...] no momento de meu nascimento, dois fatores determinaram meu destino, o fato de eu ter nascido negra e o fato de eu ter nascido mulher”. O regime vigente no século XIX deixou marcas que reverberam na sociedade contemporânea. Esse destino implacável é uma das características do trágico que destacamos a fim de demonstrar a trajetória trágica de Joana. Frantz Fanon (2008, p. 28) também corrobora nosso entendimento acerca do destino inexorável conferido aos negros ao afirmar que “[...] para o negro, há apenas um destino. E ele é branco”. A sociedade escravagista tomava o branco como norma, inferiorizava os negros, os tratava como mercadorias. Esse era o destino branco inexorável a que a população negra estava destinada. Conforme expusemos anteriormente, o próprio Eagleton (2013) entendia o quanto as leis sociais são implacáveis e possuem força semelhante a um destino trágico clássico.

A protagonista de Maria Firmina surge envolta em uma aura melancólica, a partir da narração de uma senhora abolicionista não nomeada e em meio ao discurso cristão dela, pregando a igualdade e a irmandade em Cristo. Joana aparece de repente com “[...] uns gritos lastimosos, uns soluços angustiados [...] correndo e em completo desalinho” (Reis, 2022, p. 200). A escrava estava também “espavorida, e trêmula” (Reis, 2022, p. 201), pois acabara de fugir. Joana é caracterizada pela senhora abolicionista como “desditosa” e “coitada”. Eis que surge o feitor, agitando “[...] na mão direita um azorrague repugnante; e da esquerda deixava pender uma delgada corda de linho” (Reis, 2022, p. 201). O homem, nervoso, procurava pela escrava e a considerava uma “[...] negra que se

“finge doida” (Reis, 2022, p. 201-202), “maldita”, além de destiná-la ao tronco assim que fosse encontrada. O filho escravizado Gabriel aparece à procura da mãe e a caracteriza como uma “pobre [...] que além de doida está quase a morrer” (Reis, 2022, p. 204). Nesse momento, ele explica à senhora o que lhe aguardava por ter saído do serviço antes do horário atrás de sua mãe e o motivo da fuga dela: “[...] hei de ter trezentos açoites; mas minha mãe morrerá se ele a encontrar. Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites; ela deitou a correr gritando” (Reis, 2022, p. 205). Podemos perceber, pelo relato de Gabriel, que Joana era uma escrava do eito, mais velha, debilitada e que trabalhavam juntos sob o controle do feitor. Destacamos que a Joana firminiana aparece já marcada pelas múltiplas violências sofridas pela vida no cativeiro. A violência física fica explícita no azorrague, na corda para a captura, nos açoites e na ameaça do tronco. A tortura objetivava tanto a desumanização quanto a repressão de qualquer resquício de consciência libertadora, de modo a internalizar no escravizado sua nova condição de propriedade privada de um senhor, ou seja, era um impiedoso mecanismo de controle. Já a violência psicológica pode ser percebida por meio do pavor, dos gritos e da tremedeira, sintomas dessa forma de opressão, além da referência à loucura, que é desacreditada pelo algoz em uma atitude de desqualificação moral da personagem. A violência contra a mulher negra escrava, já de princípio, se mostra brutal assim como o regime escravista vigente. Seu destino mostra-se, portanto, imutável e trágico.

Na estação da estrada de ferro, a ama, de Délia, encontra um criado que a conduz até a “elegante habitação” a que fora destinada. Na visão de bell hooks (2019), as mulheres africanas recebiam a pior parte da violência imposta pelo escravismo, justamente por serem mulheres, já que eram mais propensas ao trabalho no interior das casas, em convívio íntimo com as famílias brancas, e, desse modo, “[...] era crucial que ela fosse aterrorizada a ponto de se submeter passivamente à vontade do senhor, da senhora e das crianças brancas” (hooks, 2019, p. 35). Ademais, hooks (2019) salienta que a diferença no *status* entre escravizados e escravizadas reside no trabalho, uma vez que o negro era principalmente explorado nas atividades do campo, enquanto a negra foi explorada no campo, em atividades domésticas, como reprodutora, ama de leite e como objeto de assédio sexual pelo homem branco, sofrendo com uma escravidão mais cruel. Pelo conto não é possível saber como Joana engravidou, pairando a possibilidade de abuso sexual, frequente entre mulheres em sua condição. No quarto, “[...] repousava uma bonita e pálida criança” (Bormann, 2021, p. 16). Joana, “indiferente”, encontra “[...] um

menino franzino, mimoso, cheio de rendas” (Bormann, 2021, p. 16), e se comove ao lembrar do próprio filho na esteira da senzala. Com o passar do tempo, “[...] pôde considerar-se a verdadeira mãe do menino que amamentava” (Bormann, 2021, p. 17). A mãe biológica é descrita como “moça pálida” e, após a chegada da ama Joana, “[...] tornou a aparecer nas festas e nos passeios” (Bormann, 2021, p. 17). Joana sofria muito, “[...] vagava pelo aposento, triste, lembrando-se do filho, da comadre a quem o entregara, dos trabalhos no campo, e sua voz monótona entoava as cantigas do eito em melancólica saudade” (Bormann, 2021, p. 17).

A tarefa de ama de leite “[...] no Brasil envolvia, majoritariamente, a proibição de que a escrava convivesse e aleitasse o seu filho” (Muaze, 2018, p. 366). Assim, só restava à Joana sofrer calada em meio às recordações, pois as relações escravistas no âmbito da esfera privada, apesar de parecerem contraditórias eram, na verdade, complementares, partes que constituíam o regime escravista conforme apontou Muaze (2018, p. 361): “[...] por um lado, envolviam afetividades, dedicação e fidelidades entre os sujeitos históricos em questão, por outro, eram gestadas num ambiente de abuso, humilhação, violência física e simbólica, característico da própria escravidão como instituição”. O corpo negro, feminino e escravizado era tratado de forma distinta do das senhoras brancas, já que sua maternidade era vista em função do trabalho e dos lucros gerados para os senhores, uma vez que era comum o aluguel ou o empréstimo de amas de leite. A prática da amamentação por escravizadas servia também para ensinar aos futuros senhores o controle emocional, perpetuando um comportamento que reforçava a distinção social e simbólica entre as classes (Muaze, 2018).

A ama era sempre “[...] solícita, amante e carinhosa” (Bormann, 2021, p. 17) com o menino branco, porém mesmo com todo cuidado esmerado de Joana, ele falece devido a uma inflamação nas gengivas que impedia a sua alimentação. Joana chegou a amaldiçoar o próprio leite por não ser mais capaz de nutrir o garoto, e “[...] chorou, rolando pelo chão em convulsivo pranto” (Bormann, 2021, p. 17). Ela ficou realmente “[...] triste, abatida, vencida pelo cansaço” (Bormann, 2021, p. 17), e continuava a cantarolar para o menino no caixão. Os pais do menino, então, realizaram o pagamento e a devolveram para a fazenda. Délia nos adverte: “Se a criança não morresse e crescesse forte e sadia, a recompensa seria a mesma: não a libertariam porque a libertação custa dinheiro [...]” (Bormann, 2021, p. 18). Após o período de aleitamento e dedicação à criança branca, a escrava

[...] poderia ser transformada em ama seca (babá), ser acolhida como escrava portas adentro ou retornar à esfera da produção em atividades portas fora ou no cultivo de roça, no caso daquelas que serviram aos filhos e parentes de seus senhores. Já as amas de leite alugadas eram devolvidas aos donos e poderiam nunca mais ver as crianças que criaram (Muaze, 2018, p. 362-363).

Joana retorna à fazenda “[...] aturdida ainda pelo fatal acontecimento” (Bormann, 2021, p. 18), e, ao longo da travessia de volta, só pensava no filho que tivera de abandonar, de que nem ao menos sabia o nome. Não recebeu nem uma palavra ou recompensa pelo bom comportamento na cidade. Ao alcançar a senzala e procurar pelo filho, soube que ele falecera um ano após sua partida. A escravizada “[...] passou a noite inteira, ora soluçando de modo lúgubre, ora em aflitiva modorra” (Bormann, 2021, p. 19). Chorava pelas duas crianças mortas, com o “[...] cérebro dorido, em mortal fadiga” (Bormann, 2021, p. 19), de modo que as duas imagens das crianças se fundiram em apenas uma. Mesmo sofrendo, foi despertada pelo feitor e retornou ao trabalho na roça “[...] tendo na alma as trevas do Averno¹ e a inconsciência da loucura” (Bormann, 2021, p. 19). Ela estava enlouquecendo, não tinha mais consciência do que fazia e era “[...] atormentada por cruéis miragens onde perpassavam crianças mortas” (Bormann, 2021, p. 19). Balbuciava: “— Filho! Filho! Filho!” (Bormann, 2021, p. 20). Estava sozinha, já morta por dentro, doída pelos seios cheios de leite, vagando como um fantasma. Abandonou o serviço e foi para as margens do rio Paraíba, onde imaginou ver o filho. Espremeu os seios a jorrarem leite, e “Sorria à medida que os peitos murchavam, julgando amamentar a criança” (Bormann, 2021, p. 20). Ela grita histericamente sem ser ouvida por ninguém: “— Filho! Filho!” (Bormann, 2021, p. 21) e se esvai, desaparece. Ninguém mais a viu desde então, e compreenderam, a partir de vestígios deixados por ela, que ela se suicidara nas águas do rio, “[...] que se libertara da vida e fora procurar o filho no seio da morte!” (Bormann, 2021, p. 19).

A escravidão não considerava os escravizados como pessoas capazes de sentir, amar e criar laços afetivos sinceros. Eram meros objetos de compra, venda e locação. Nesse sentido, Délia nos proporciona uma narrativa dramática de uma pobre mãe escrava que cai deprimida e tira a própria vida, vítima de um sistema desumano e atroz. É genial

¹ Na mitologia grega, o “Lago Averno, na Itália, era consagrado a Plutão. As suas águas estagnadas exalavam miasmas letais. Os pássaros que voavam por ali caíam asfixiados, daí o nome do lago (*a*, privativo, que tira, *ornis*, pássaros). Acreditava-se que comunicava com as moradas infernais. Nas suas margens estava o oráculo das Sombras, de que fala Homero e que, no seu regresso, Ulisses foi consultar” (Guimarães, 1988, p. 84). Em um sentido mais amplo e figurado, “Averno” é frequentemente usado para referir-se a um lugar ou estado de tormento, dor ou desespero profundo, similar ao conceito de inferno nas tradições religiosas ocidentais.

a forma como Délia associa a loucura ou histeria, doença comumente atribuída às mulheres brancas no século XIX, a uma escravizada, em uma tentativa de equiparação entre mulheres livres e escravas. Nesse aspecto, Campello (2007, p. 37) afirma que “[...] Délia está mais próxima de Machado do que dos demais escritores”.

Conforme Volpini (2019), Délia possui um projeto literário voltado para as diversas experiências das mulheres que visa nos fazer refletir. Nesse caso específico, destacamos o quão trágica foi a experiência da maternidade de uma negra escravizada. Fica evidente que a trajetória de opressões, provações e suplícios a que a personagem é submetida molda sua vida e seu destino, sendo trágica nos moldes propostos por Eagleton (2013) e demonstrados nesse estudo. Escravizada, residente de senzala, trabalhadora de oito em fazenda, transformada em ama de leite, obrigada a abandonar o filho bebê, não recebe notícias dele por todo o tempo em que serviu como ama de leite. Obrigada a ter bom comportamento na cidade e a criar o bebê branco de outra mulher, afeiçoa-se a ele, é dispensada com um simples pagamento em dinheiro, recebe a notícia de que seu filho faleceu, sofre sozinha, enlouquece, volta a trabalhar na roça sob a vigilância do feitor, tem alucinações e suicida-se. É dessa maneira que o conto de Délia nos oferece um enredo trágico, centrado nos acontecimentos da vida de Joana. Ela é acometida por um sofrimento progressivo, devido ao conflito econômico-social existente entre a condição de escravos versus proprietários, sendo levada ao limite de suas capacidades e culminando em seu último ato, o de desistência da própria vida e do “destino branco” a que estava submetida, gesto que pode ser lido como uma reviravolta, consequência de um regime que a obrigava a ser subserviente. O conto desperta compaixão pela escravizada e terror pelas múltiplas opressões impostas à personagem, ou seja, desperta emoções no leitor análogas às que levam à catarse aristotélica. Délia, enfim, soa como uma voz coral abolicionista crescente em sua época, na qual diariamente aumentavam os anseios pela libertação dos escravos no Brasil. Joana, mesmo escrava, era também mulher e mãe. Norma Telles (2004, p. 364) bem lembra os anseios da autora: “Justiça para o escravo, para a sociedade e para a mulher, eis o que deseja Délia”. A sensibilidade de Délia traz à tona, portanto, a urgência em percebermos as experiências da maternidade para as escravizadas.

A escrava de Maria Firmina também tem sua vida moldada pelo sofrimento contínuo que se estabelece no conto desde o início. A abordagem firminiana difere um pouco da de Délia no que se refere à progressão da loucura da protagonista, que, aliás, é

também desencadeada pela sua trágica experiência com a maternidade no cativeiro. Após ser apresentada ao leitor, já acometida pela loucura, percebemos que Joana estava prestes a falecer, “[...] presa dum ataque espasmódico. Estava hirta e parecia prestes a exalar o derradeiro suspiro” (Reis, 2022, p. 206). Descobrimos sua trajetória de vida marcada por opressões a partir do recurso do *flashback* narrativo, através do qual a própria escravizada relata suas vivências à senhora abolicionista. Duarte (2018b, p. 74) observa a relevância dessa narrativa em primeira pessoa proferida pela personagem escravizada, que marca a obra da escritora maranhense: “A África está presente e esses relatos, carregados pela autoridade forjada pelo testemunho, ganham uma dramática autenticidade”. Norma Telles reconhece a importância da construção das personagens escravizadas feita por Maria Firmina e os objetivos abolicionistas da autora:

[...] deveríamos sempre lembrar sua defesa do escravo, a coragem de seus argumentos e a dignidade que concedeu a seus personagens. Ela enfatizou os castigos injustos, a péssima condição da vida dos escravos, visando comover o leitor. Estratégia empregada por escritoras de outras nacionalidade, que não sei se chegou a conhecer. Em termos de Brasil, suas preocupações e o modo que as colocou são precoces e incomuns (Telles, 1989, p. 79).

A narrativa de Firmina prossegue, de modo que a senhora abolicionista une mãe e filho e os leva para sua casa a fim de protegê-los. Vale ressaltar a percepção dessa senhora acerca da situação dos escravizados: “[...] desgraçados, tão abandonados, tão perseguidos, que nem para a agonia derradeira, nem para transpor esse tremendo portal da Eternidade, tinham sossego, ou tranquilidade! Não” (Reis, 2022, p. 207). Joana delirava: “— Carlos!... Urbano...” (Reis, 2022, p. 207). Analogamente percebemos que, no auge do sofrimento de uma mãe escravizada, o delírio vem acompanhado do eco, seja do nome dos filhos, seja da menção a eles como uma confissão da causa da entrega de suas forças em favor da morte. Ambas as Joanas, em meio ao total desespero, realizam esse ato. Devido a uma breve melhora, Joana principia seu relato acerca da história de sua vida: filha de uma africana escravizada com um indígena livre, seu pai trabalhava muito a fim de minorar o sofrimento delas e conseguiu comprar a sua alforria quando ainda possuía cinco anos. O senhor entregou um papel afirmando ser a carta que libertava a pequena Joana. Analfabeto, seu pai acreditou e só foi descoberta a fraude após o falecimento dele passados dois anos apenas. Nesse momento o senhor fala: “— Joana que vá para o serviço, tem já sete anos, e eu não admito escrava vadia” (Reis, 2022, p. 210). A mãe de Joana não aguentou, “[...] deu um grito, e caiu estrebuchando” (Reis, 2022, p. 211). Teve febre,

delírios e morreu. Antes de iniciar os acontecimentos relacionados aos outros filhos, pediu proteção a Gabriel. Em seguida, contou sobre Carlos e Urbano, seus filhos gêmeos que foram arrancados dela e vendidos para o Rio de Janeiro aos oito anos de vida. Joana abraçou-os na vã tentativa de os proteger, mas sofreu um golpe e só acordou “[...] aos gritos de meus pobres filhos, que me arrastavam pela saia, chamando-me: mamãe! Mamãe!” (Reis, 2022, p. 212). Imaginar essa cena é tarefa dolorida demais para qualquer mulher, especialmente para as que forem mães. Ela prossegue: “[...] gritei eu tornando a mim, por Deus, levem-me com meus filhos!” (Reis, 2022, p. 212). Nesse instante, ao término de seu trágico relato, ela falece amaldiçoando seus algozes. A narradora reconhece: “Com efeito tinha cessado de sofrer. O embate tinha sido forte demais para suas débeis forças” (Reis, 2022, p. 213). Mesmo após a sua morte, Joana ainda é insultada pelo Senhor Tavares, escravagista e proprietário de mãe e filho: “[...] esta negra era alguma coisa de monomaníaca, de tudo tinha medo, andava sempre foragida, nisso consumiu a existência. Morreu, não lamento esta perda; já para nada prestava” (Reis, 2022, p. 215). Por fim, a senhora apresenta-lhe os papéis com a compra da liberdade de Gabriel, cumprindo a promessa que fizera à Joana.

A trajetória da Joana firminiana apresenta-se trágica assim como a da Joana, de Délia. A protagonista de Firmina viveu uma vida repleta de opressões, sendo escravizada, liberta e reescravizada. Sofreu progressivamente por toda a existência devido ao regime escravista a que foi submetida. Ela viu sua mãe morrer de desespero no cativeiro, impossibilitada de ajudá-la rumo ao seu “destino branco”, sempre implacável. Também foi levada à loucura, empurrada à morte por apresentar-se no limite de suas forças de resistência. O conflito entre o senhor e Joana parece não findar nem mesmo com sua morte, já que, mesmo depois de morta, ainda é alvo das terríveis considerações do Senhor Tavares. É perceptível que a tragicidade da escravidão moldou sua trajetória de vida e seu destino, de modo a também despertar nos leitores emoções tanto de compaixão pela sua existência quanto de pavor pelos terríveis acontecimentos tão comuns a todos os escravizados. A Joana firminiana também promove uma reviravolta ao fugir de sua condição e conseguir a proteção da senhora abolicionista para seu filho Gabriel. Podemos perceber, portanto, que tanto Firmina quanto Délia ecoam vozes abolicionistas na sociedade que teimava em manter o regime escravocrata no Brasil oitocentista. Dessa forma, essas mulheres negras escravizadas situam-se em um lócus de opressão que reside entre correntes de violência e laços de afeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo comparativo dos contos “A ama” (1884), de Délia e “A escrava” (1887), de Maria Firmina dos Reis tentamos demonstrar que a escravidão negra, que perdurou no Brasil até fins do século XIX, mostra-se trágica de acordo com Eagleton (2013), uma vez que recupera e mantém vivos elementos da tragédia clássica — ou do que o crítico denomina como “ideia do trágico”. Tais elementos estariam presentes e perceptíveis na trajetória de vida das protagonistas dos contos, conforme tentamos evidenciar. Ao destacarmos a trajetória das Joanas, protagonistas de ambos os contos, objetivamos entrelaçar escravidão, opressão, relações humanas e tragicidade, de maneira que fosse possível evidenciar como esses elementos moldaram a vida e o destino dessas mulheres escravizadas. A partir da escrita de autoria feminina, nota-se quão importante e intensa foi a abordagem das autoras em relação às questões relativas aos escravizados e ao movimento abolicionista, de modo que Zahidé Muzart (2013, p. 255) observa: “A questão da Abolição vai ser quase um *leitmotiv* da pena feminina e isso tanto no Brasil como em outros países”.

Tanto Délia quanto Maria Firmina — que viveram sob o advento do regime escravista —, no Rio de Janeiro e no Maranhão, respectivamente, estavam atentas às transformações sociais de seu tempo. Dessa forma, produziram os contos estudados dando ênfase a questões sensíveis do universo feminino, como é o caso da maternidade, dos desafios que essa maternidade traz para a vida dessas mães, do amor materno, das consequências que um trauma relacionado a esse tema pode desencadear na vida dessas mulheres. O mais instigante é perceber que tudo isso ainda é construído e debatido com referência a uma parcela de mães invisibilizadas pelo cruel regime vigente em seu tempo. A maternidade roubada brutalmente e maquiada pela naturalização do escravismo emerge de forma surpreendente em ambas as histórias. É, de fato, emocionante ao leitor, principalmente ao público feminino, que era ávido consumidor de folhetins.

A tragicidade vai sendo construída imiscuída na trajetória de vida das Joanas que sofrem continuamente (*páthos*) até o fim de suas vidas. O destino (*anánke*) lhes é imposto no momento em que são escravizadas. Para elas, a única forma de reviravolta (*peripéteia*) é através da morte com o suicídio ou através das constantes fugas. Podemos pensar uma forma de catarse (*kátharsis*) análoga a partir das emoções suscitadas no público leitor frente ao enredo apresentado, sendo o pavor (*phóbos*) pelas violências que afetam um

semelhante, já que as autoras constroem mulheres escravizadas aproximando-as das características das mulheres livres (mães, afetuosas, capazes de sofrer e enlouquecer por um filho) e da compaixão (*éleos*) pelas Joanas, já que sua adversidade é imerecida. O conflito (*ágon*) é simbolizado pelo embate constante ocorrido entre escravizadores e escravizados. Até mesmo o coro, simbolizando a voz dos cidadãos pode ser lido como a voz das autoras abolicionistas que evocam as opressões e as violências a fim de sensibilizar a sociedade. As Joanas, heroínas dos contos supramencionados, não são personagens de condição elevada, mas – como pensa Eagleton (2013) – são seres comuns que foram empurrados ao seu extremo limite, humanizados pelas autoras, que têm um destino que precisa ser considerado. As leis econômico-sociais do escravismo são também trágicas em nossa concepção.

Ambas as trajetórias destacam a violência – física, psicológica, moral – entrelaçada aos laços afetivos das relações humanas dessas mães escravizadas na forma de denúncia por meio da literatura. Dessa forma, tentamos mostrar que, conforme afirmou bell hooks (2019), a escravidão feminina foi mais cruel, pois essas mulheres sempre estiveram, tragicamente, entre correntes e laços.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução: Paulo Pinheiro. 2. ed. São Paulo: 34, 2017.

BORMANN, Maria Benedita Câmara. A ama. In: REIS, Maria Firmina dos; BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Contos abolicionistas: A escrava e A ama*. São Paulo: Pince-nez, 2021. p. 16-22. E-book Kindle.

CAMPELLO, Eliane T. A. O suicídio em contos de Maria Benedita Bormann. *Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão - SE, v. 3, n. 3, 2007. p. 31-48. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1084>.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escravidão e patriarcado na ficção de Maria Firmina dos Reis. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 59, p. 223–236, 2018a. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28876>.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. *Literafro* – portal da literatura afro-brasileira. Universidade Federal de Minas Gerais [20--?]. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/317-maria-firmina-dos-reis-e-os-primordios-da-ficcao-afro-brasileira-critica>.

DUARTE, Eduardo de Assis. Úrsula e a desconstrução da razão negra ocidental. In: DUARTE, Constância Lima et al (Org.). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Malê, 2018b. p. 51-79.

EAGLETON, Terry. *Doce violência: a ideia do trágico*. Tradução: Alzira Allegro. São Paulo: Unesp, 2013.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GAZOLLA, Rachel. *Para não ler ingenuamente uma tragédia grega: ensaio sobre aspectos do trágico*. São Paulo: Loyola, 2001.

GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 1988.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher?* Tradução: Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. *E-book*.

MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. São Luiz: COCSN, 1975.

MUAZE, Mariana. Maternidade silenciada: amas de leite no Brasil escravista, século XIX. In: OSÓRIO, Helen; XAVIER, Regina Célia Lima (Org.). *Do tráfico ao pós-abolição: trabalho compulsório e livre e a luta por direitos sociais no Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2018. *E-book*. p. 360-391.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis. *Muitas Vozes*, Ponta Grossa, v.2, n.2, p. 247-260, 2013.

PINSKY, Jaime. *Escravidão no Brasil*. 13 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

REIS, Maria Firmina dos. A escrava. In: *Úrsula*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

TELLES, Norma. Délia, pesquisas. *Norma Telles*. [19--?]a. Disponível em: <https://www.normatelles.com.br/deliapesquisas>. Acesso em 22 ago. 2024.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 337-404.

TELLES, Norma. Memorial da pesquisa. *Norma Telles*. [19--?]b. Disponível em: <https://www.normatelles.com.br/deliamemo>. Acesso em: 22 ago. 2024.

TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. *Revista de História*, São Paulo, n. 120, p. 73–83, 1989. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18593>. Acesso em: 22 ago. 2024.

VOLPINI, Javer Wilson. *O literário feminino nos romances oitocentistas de Délia: tradição e ruptura*. 2019. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

ZIN, Rafael Balseiro. *Escritoras abolicionistas no Brasil-Império: Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida na luta contra a escravidão*. 2022. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2022.

Recebido em: 29/08/2024

Aceito em: 24/10/2024

Joyce Pereira Vieira: doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestra em Letras: Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Partícipe do grupo de pesquisas “Travessias e Feminismo(s): estudos identitários de autoria feminina” (CNPq), do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFJF. Atualmente é professora de educação básica (PEB – Língua Portuguesa) no âmbito da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG). O trabalho realizado conta com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).